

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS – INTERPRETAÇÃO TEATRAL

Alexandra Marim Gonçalves

O BUFÃO E O GROTESCO NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULO SOLO

Santa Maria, RS

2023

Alexandra Marim Gonçalves

O BUFÃO E O GROTESCO NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULO SOLO

Relatório de Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Cênicas – Interpretação Teatral, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Reis Plá

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Mobilha Marim,

Quero agradecer ao meu orientador, Prof. Daniel Plá, pelos anos que passamos juntos em processos difíceis e muitas batalhas. Por estar comigo e vencer essa batalha.

Aos professores da banca: Prof. Dr^a. Adriana Dal Forno e Prof. Dr^a. Candice Lorenzoni.
Aos professores Arthur Beloni, José Renato Noronha, Fabiana Fontana e Mariane Magno.
E aos TAEs Emília Leitão e Thiago Krusch. Pelo apoio.

À CAED e ao SATIE pelo apoio junto aos processos e procedimentos ligados a minha formatura e todo acompanhamento ao longo dos anos.

A equipe do Restaurante Universitário e da Biblioteca central, pela atenção.

A professora Nice Dias do EMAET que sempre me inspirou e acreditou em mim.

À Nizer e ao Juliermis pelo apoio com o figurino, fotos e filmagens.
Ao Dartagnan, pelas fotos do espetáculo.

À Vanize, Ruth, Júlio, Alex, David, Daniela pelas conversas e auxílios.

Ao professor Jacinto, pelo apoio no início do curso e pela luz do espetáculo.

À Tarine que me apresentou os Vikings.

À professora Joice Aglaé Brondani (UFBA) pela inspiração e por aceitar nos falar sobre o processo do bufão.

Ao Márcio Cardoso pelas conversas.

Aos colegas Pedro, Jâneo e Natália pelas parcerias.

RESUMO

BUFÃO E O GROTESCO NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE ESPETÁCULO SOLO

AUTORA: Alexandra Marim Gonçalves
ORIENTADOR: Prof. Dr. Daniel Reis Plá

A presente proposta está vinculada ao trabalho de conclusão de curso, ligado às disciplinas Ateliê de Montagem em Atuação Teatral I e II, e Laboratório de Metodologias de Criação em Atuação Teatral I e II. O trabalho consistiu na criação de espetáculo monólogo centrado na figura do Bufão e foi apresentado ao final do processo como parte dos requisitos para receber o grau de Bacharel em Artes Cênicas-Interpretação Teatral. Também fez parte do processo avaliativo elaboração de um Relato de Conclusão de Curso, apresentado para a banca avaliativa. O objetivo desta pesquisa foi investigar o grotesco no processo de elaboração do bufão em um espetáculo solo. Segundo Brondani (2017), o bufão é uma figura com ações de representatividade social, ou seja, é um símbolo de representação do inconveniente, do deslocado, do errado, do impertinente, do importuno, do impróprio, do inadequado e inapropriado. Quando se fala no jogo do bufão temos como características a fantasia, o exagero, o paradoxo, a incongruência e o contraste (Brondani, 2017). Como procedimentos metodológicos para criação realizamos pesquisa de materiais imagéticos (vídeos e fotos) os quais serviram de base para a construção da máscara corporal do bufão e seu figurino. Além disso, o corpo do bufão se definiu a partir de imagens de animais, referências históricas, e exploração corporal de focos e dinâmicas de movimento, de maneira a desconstruir e ampliar as características corporais da atriz. Também trabalhamos com a improvisação a partir de situações cômicas cotidianas e de elementos autobiográficos da artista, buscando, assim, construir a dramaturgia do espetáculo. O espetáculo foi apresentado nos dias 28, 29 e 30 novembro, no Teatro Caixa Preta. O processo foi registrado em áudios pela atriz, bem como por meio de fotos. Esse relatório propõe uma escrita performativa, organizado em forma de um discurso do próprio bufão pensando o processo realizado.

Palavras-chave: Atuação cênica. Bufão. Autobiografia.

ABSTRACT

BUFFON AND GROTESQUE IN THE PROCESS OF CREATING A SOLO SHOW

AUTHOR: Alexandra Marim Gonçalves
SUPERVISOR Dr. Daniel Reis Plá

This work is related to the subjects Acting Performance Production Atelier I and II, and Creation Methodologies Lab I and II, both requirements for the graduation in the BA on Performing Arts. This research refers to the creation of a solo Performance focused on the buffoon figure. The show is one of the assignments for the graduation in Performing Arts. This study explored the grotesque in the creative process of building a buffoon character. According to Brondani (2017), the buffoon is a character whose actions are connected to social representation, which means that it is a symbol of the awkward, the out of place, the wrong, the naughty, the annoying, the strange, the inappropriate. When speaking about the buffoon play it is possible to mention several characteristics such as the fantasy, the exaggeration, the paradox, the absurd and the contrast (BRONDANI, 2017). During the creative process the image (photos and videos) research had served as inspiration for the creation of the buffoon's bodily mask and costumes. In addition to it, considering the buffoon 's bodily behaviour, we had used animal movements and sounds, historical research, movement dynamics and body centres as methodological tools to define the buffoon's body. By means of those tools the actor was able to amplify their body creative potential and dismantle rigid behaviour patterns. Finally, we mention improvisation based on daily situations and artist autobiographical issues as the main tool for dramaturgy creation. The show happened on November 28, 29 and 30 in the Black Box Theatre. All the process was recorded in audios and photos taken by the student. This critical report is based on those records and is written as a discourse made for the buffoon itself, a model that seems closer to the student's trajectory along those years at university.

keywords: Acting. Buffoon. Autobiography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. CARACTERIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	09
3. O BUFÃO FALA	11
4. A CONSTRUÇÃO DO BUFÃO.....	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
ANEXO A.....	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas- Interpretação teatral, referindo-se a criação e apresentação do espetáculo *Águila-O advogado do povo*, apresentado nos dias 28, 29 e 30 de novembro de 2023 no teatro Caixa Preta.

Este documento não segue todas as normas de TCC do Curso Bacharelado em Artes Cênicas conforme acordo entre o professor orientador, a estudante, a coordenação do curso e a CAED, os quais vem acompanhando a estudante durante seu percurso acadêmico de modo a conduzir os processos de criação, ensino e aprendizagem de acordo com as singularidades da aluna.

Sendo assim, no capítulo 2 encontramos um resumo do projeto registrado pela atriz junto ao sistema de projetos da UFSM, no qual encontramos os objetivos da pesquisa. Nessa parte encontramos um texto mais adaptado ao linguajar acadêmico comum, contrastando com o que segue nos capítulos 3 e 4. Nestes dois últimos referidos capítulos optou-se por uma escrita mais livre e performativa, em forma de depoimento, preservando algumas palavras e grafias fiéis aos registros da estudante em áudio, vídeo e notas de orientação. Dessa forma, a construção do texto segue o fluxo da oralidade, com poucas correções de ordem gramatical, e manutenção de termos e estruturas discursivas característicos da autora e do personagem *Águila*, criado por ela.

Chegando às considerações finais, no capítulo 5, busca-se responder quais são as contribuições que este processo de trabalho traz às perguntas expressas nos objetivos do projeto, bem como aponta-se às possíveis contribuições dessa reflexão para outros artistas em etapas anteriores de formação.



2 CARACTERIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A presente proposta está vinculada ao trabalho de conclusão de curso, ligado às disciplinas Ateliê de Montagem em Atuação Teatral I e II e Laboratório de Metodologias de Criação em Atuação Teatral I e II. O trabalho consiste na criação de espetáculo monólogo centrado na figura do Bufão apresentado em novembro de 2023 como parte dos requisitos para receber o grau de Bacharel em Artes Cênicas., bem como na elaboração do Relato de Conclusão de Curso, a ser apresentado para a banca avaliadora.

Segundo Brondani (2017), o bufão é uma figura com ações de representatividade social, ou seja, é um símbolo de representação do inconveniente, do deslocado, do errado, do impertinente, do importuno, do impróprio, do inadequado e inapropriado. De acordo com a autora, “o bufão é uma máscara física ou corpo máscara” (BRONDANI apud BRONDANI, 2017, p.42). Ou seja, ele é um personagem que faz o uso do corpo para dar vida à máscara: rei da inversão, da festa e do excesso, possui discurso insultuoso e subversivo, relacionado ao prazer através do jogo cômico.

A personalidade de cada Bufão apresenta e problematiza objetivos e máscaras sociais, convidando à transformação das estruturas da sociedade, simboliza o corpo, o baixo-ventre, intensificando “imagens do corpo, da bebida, da satisfação de necessidades naturais e da vida sexual”. (BAKHTIN apud BRONDANI, 2017, p.42).

No período da Idade Média, o bufão teve sua maior evidência, porém, na idade moderna, houve um declínio da arte da bufonaria, que passou a ser desvalorizada devido a sua estética, considerada inadequada pelas elites. Entretanto, a figura não desapareceu, mas sim surgiram derivações dos Bufões, como por exemplo a figura do bobo e mais adiante o próprio palhaço, que tem na bufonaria um de seus alicerces (SENA e OLIVEIRA, 2021).

O discurso utilizado pelo Bufão é libertário e imaginativo, e por isso carnavalesco. Segundo Soeresen (2017), a festa do carnaval representa a filosofia carnavalesca, através dos princípios materiais e corporais. Através do jogo cômico, o bufão questiona estruturas morais e estéticas. As características exploradas pela vestimenta e maquiagem do bufão ligam-se de maneira extravagante com o uso da máscara e maquiagem física. Com tais características, a figura do Bufão traz ao público emoções diversas: ironia, sarcasmo, dor e constrangimento.

O Grotesco tem a ver com o contraste entre o belo e o feio; com a caricatura e o exagero, ligando-se de certa forma ao absurdo, à morte. Além disso, a sátira é também grotesca

(GUERRA, 2018). Victor Hugo afirma que o grotesco e a sátira são formas de trazer à luz o que se oculta nas sombras (HUGO in GUERRA, 2018)

Quando se fala no jogo do bufão temos como características a fantasia, o exagero, o paradoxo, a incongruência e o contraste, ou seja, uma linguagem grotesca à ser utilizada em palco (Brondani, 2017). O grotesco sublime surgiu com o romantismo e, neste contexto, torna-se relativo ao drama, à morte e a coisas extremas. Para Burke, a linguagem grotesca é vazia, carrega trevas, solidão e silêncio, além de serem utilizadas ações e narrações com duplo sentido, bem como o deboche, o que busca a possibilidade de riso ao espectador. A máscara corporal se forma a partir de junções com o corpo de animais e alegorias de figuras importantes da sociedade (GUERRA, 2018).

Diante das diversas formas de exclusão social presentes na atual sociedade, a figura do Bufão torna-se extremamente necessária para criticar as construções sociais do sublime e grotesco. A justificativa, portanto, baseia-se na apresentação de um monólogo que critica os comportamentos sociais frente a uma pessoa com deficiência intelectual, que se comporta fora dos padrões sociais impostos.

2.1 OBJETIVOS:

2.1.1 GERAL

Investigar o grotesco no processo de elaboração do bufão em um espetáculo solo.

2.1.2 ESPECÍFICOS

- Revisão bibliográfica sobre os temas bufão e grotesco;
- Investigar o corpo e a voz do bufão;
- Apresentar um espetáculo;
- Elaborar um Trabalho de Conclusão de Curso
- Apresentar o projeto de Trabalho de Conclusão de Curso a banca avaliadora.

3. O BUFÃO FALA



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.

Acredite nos seus sonhos!

Um catador tem seus sonhos. Pessoas que moram em albergues tem seus sonhos. Conheci um morador de rua que tinha um sonho e que passou num concurso público. Muitas pessoas destruíram os sonhos de outras vendendo falsas esperanças. Porque existe tanta pobreza? Na casa de minha irmã até hoje a rua é de chão batido, cheia de poeira, as pessoas têm a saúde prejudicada pela sujeira.

Uma doméstica muitas vezes é tratada muito mal, às vezes como lixo. Muitas não podem nem comer em seu local de trabalho. Elas trabalham e não são valorizadas. É como um catador de lixo, um reciclador, passam o dia andando e não desistem, mas não tem seu trabalho valorizado. Eles também querem ser alguém na vida. E se eles não reciclarem o lixo? Se o lixeiro não esvaziasse as lixeiras? Se o catador não trabalha, ele não come. Os recicladores, juntam o papelão. E as pessoas tem nojo deles. E se eles não fizessem seu trabalho? Eles precisam juntar toneladas para ganhar centavos, ganhando R\$1,00 ou R\$2,00 por dia, para não morrer de fome. Isso é uma escravidão moderna.

O assalariado é tratado muitas vezes brutalmente, e ganha um dinheiro que mal dá para comer e viver, uma vergonha de salário. E então, às vezes, a pessoa não tem dinheiro nem para um sabonete, precisa improvisar um chuveiro frio, e não são levadas a sério por conta de sua aparência. Mas elas têm seu sonho. Querem vencer na vida. Se a gente desiste do sonho, o preconceituoso assume o poder. É preciso ser resistente, ser guerreiro, caso contrário, nada muda. Quem está por cima sempre estará por cima, e os demais sendo massacrados em baixo.

A sociedade faz essas pessoas acreditarem que não podem nada, que não são merecedoras, mas é preciso persistir. Não podemos deixar os lobos vencerem. Pois os lobos maus querem devorar os sonhos das chapeuzinhos vermelhas, do povo. Não é possível que a lei seja favorável só para os mais ricos. Até quando o povo vai precisar levantar sem saber se poderá realizar o seu desejo?

Eu sei que moramos num país de quarto mundo, que não permite grandes sonhos. Essa foi uma pesquisa que eu fiz comigo mesmo. Mas temos de criar as nossas oportunidades com a persistência, ir à luta e não baixar a cabeça, sempre em frente, para que o país mude, mesmo que seja daqui a trinta anos.

A universidade foi criada para os ricos. Desde a época de Getúlio Vargas. A universidade para os ricos e o ensino técnico para os pobres. A princesa Isabel assinou nossa liberdade,

mas que liberdade é essa? Como alguém sobrevive sem espaço? Se é condenada pelo seu cabelo, pelas suas roupas, sem apoio nenhum para que cresça? Então precisamos ter firmeza e dizer que temos a mesma capacidade de quem estudou em Nova Iorque. Mas não precisa ir para lá para vencer na vida, é preciso acreditar naquilo que se quer. As pessoas te aceitam, mas na verdade, é uma fachada.

Tem as Marias, por exemplo, que se formam como pedagógas, e elas vão todas as manhãs trabalhar e de lá vão estudar numa universidade particular. Elas não têm computador, nem internet. Mas elas não desistem e sempre têm um sorriso no rosto. E ninguém dá crédito para elas, mas elas querem ser mestres, doutoras. Porque não adianta só trabalhar, trabalhar, e não ter consciência, e acabar sendo comida pelos lobos, passada para trás por falta de conhecimento.

Não são palavras bonitas que vão te levar adiante. O que te move é o querer fazer, e fazer o que precisa ser feito. As pessoas têm o direito de desejar o tanto que quiserem.

O Bufão é para as pessoas não desistirem dos seus sonhos. O Bufão surge no contexto de protesto a favor do povo. Ele representava o povo massacrado na idade média, mas tem tudo a ver com os dias de hoje, com o que se está sofrendo. Todo mundo desprezava e pisava no povo. A pessoa já nem sonhava com nada. Ele criou essa forma de atuar para defender o povo das ameaças. Por exemplo, as pessoas têm um sonho e a sociedade faz elas desistir do sonho, a sociedade sempre mandando em vocês, e a gente trabalhando e eles ficando cada vez mais ricos.

Eu cheguei no bufão porque me identifiquei com ele. Reconheci nele o meu estilo, minhas características. O público tem que aceitar o bufão, não como ele quer, mas como ele é. Ele chegou como um advogado. Mas não o advogado que engana o outro, como o advogado público que deixa pilhas e pilhas de processos esperando. Os juízes ganham uma fortuna, sendo que eles não tem moral para julgar o que rouba porque tem fome. E os grandes ladrões estão à solta, como os banqueiros, os políticos e certos juízes. As pessoas estão cansadas das promessas dos políticos, das mentiras dos que querem iludir o povo.

O bufão da idade moderna continua a mesma coisa. Ele continua protegendo o povo, as pessoas que não são aceitas pelo que se é, mas julgadas pela sua aparência. O bufão é uma pessoa do povo. Naquela época, se você era do povo, você era massacrado. Mas até hoje se faz a mesma coisa, pouca coisa mudou. Ele denuncia o massacre do povo. Eu cheguei no Bufão pelas coisas que eu já vivi. Porque quero falar do massacre das pessoas que não se encaixam em padrões sociais pré-determinados, que sofrem com “*fake news*” e são assediadas diariamente sem poder falar. Que se calam para poder realizar seu sonho pois, o

bufão, apesar de tudo, não desiste dos seus sonhos.

Ao entrar no sistema público, na universidade, tudo é apresentado como sim. Mas na verdade tem uma aparência e uma classe específica para quem a universidade é feita. As diferenças se dão pelas roupas, pelas condições financeiras, por onde se estudou, pelo conhecimentos de línguas. A Federal é feita para os pobres ou para os ricos? É pública ou mista? A universidade é pública, mas tem coisas que são cobradas, tem os impostos, que dificultam o pobre de viver nesse contexto. Na universidade tem o serviço social, tem os servidores, mas as pessoas deviam trabalhar mais na rua, saber como a pessoa vive, conviver, para ajudar a tirar as pessoas daquela vida que ela tem e ajudar a chegar num lugar melhor.

Me diziam que eu não tinha capacidade mentalmente, que era uma pessoa fora de si, fora da casinha, que não sabia o que era aquilo. Mas como assim eu não sabia o que estava fazendo? Se fui eu que entrei na universidade, eu que me inscrevi sozinha, fiz todos os procedimentos sozinha. Eu me inscrevi aqui, e foi assim, passando anos, dez anos, passando anos. Fiquei dez anos aqui, pode imaginar? Dez anos aqui.

Eu me planejei para estudar, para me formar e vem, já no mundo lá fora, todo aquele impedimento. E justo aqui que era para ser uma universidade, onde as pessoas eram para ser mais abertas, pessoas que eram pra ser mais acolhedoras, não acolheram.

E eu pensei assim, nos meus amigos, pessoas que me apoiaram entrar aqui dentro, pensei neles, que assim muito me apoiaram, me apoiaram e eu pensei assim: se eu estou aqui não vou desistir, não vou desistir daqui, de todas as formas, parecia que o curso não era para mim, que eu não era feita para a faculdade, não era feita para o curso, não era feita, tipo aquela criança que não pode chegar perto de nada, criança feia, ridícula que não pode nem chegar perto. Só aquelas crianças bonitinhas, lindinhas, que podem chegar, abraçar, beijar, né?

E ainda me diziam que eu era carente. Eu carente? não sei de onde tiraram isso.

Eu chegava, conversava, eu chegava com argumento, sempre chegava dialogando, do meu estilo, sabe? Mas não gostavam de jeito nenhum, achavam ridículo, detestavam a minha pessoa, tinham pessoas que me provocaram muito também, me deixavam fora de si. Dava vontade de espancar, mas não cheguei nesse termo, embora cheguei a ficar bufando mesmo. Eu sabia da minha pessoa que eu não podia fazer aquilo.

Tinham pessoas que queriam me provocar de todas as formas, que diziam que eu era muito nervosa e poderia avançar sobre elas. Teve, um colega meu que disse que eu era doente mental numa cena; E então um professor ficou nervoso, dizendo que não podia acontecer aquela cena porque eu ia ficar fora de mim. Porém eu sabia completamente, conscientemente,

o que eu estava fazendo ali, eu sabia o que eu estava fazendo

O meu bufão é o advogado. A pessoa tem direito de sentir seus desejos. E de realizar.



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.

4. A CONSTRUÇÃO DO BUFÃO



Registro do processo . Pedro Diana, 2023.

Eu comecei a trabalhar com o palhaço, e não via tanta diferença entre a palhaçaria e o Bufão. Um dia vieram umas pessoas da Espanha aqui e na oficina eles disseram que aquilo que eu fazia era um bufão. Mas depois daquilo eu continuei brincando com o palhaço.

O bufão é eu. Ele é engraçado, debochado, petulante, desajeitado. Eu entendi que o bufão era parecido comigo, a partir dos meus gostos, das minhas roupas largas. Ao estudar o bufão eu vi que o bufão trazia a sexualidade à tona e sua função era de abrir os olhos do povo. No bufão me encontrei com a liberdade de ser bicho e de ser gente, de extravasar meu desejo, de denunciar o que massacra o povo. Era preciso falar do rei que come tudo enquanto o povo passa fome. O bufão pode falar direto ao rei e falar o quanto ele se distancia de sua responsabilidade de proteger o povo, o bufão assumindo essa função.

Ao ver o bufão, o povo pode reconhecer seu direito a ser respeitado, seu direito a sentir e concretizar o seu desejo. O bufão é um personagem do teatro, mas é um defensor público. Porque essa é a função do teatro: desenvolver o ser humano e desmascarar aquele que ilude o povo.

O povo não quer mais ser enganado, quer que a lei defenda eles também. E o bufão acompanha o povo nessa busca. O militar manda no Brasil? Ditadura? Então o povo não pode falar o que precisa? O governo e o militarismo são farinha do mesmo saco. Ficam falando que a ditadura é maravilhosa, mas não é verdade. O militar não manda mais no povo. E o povo disse na urna: Ditadura nunca mais!

Meu processo se deu como se eu construísse meu sonho. Foi trabalhoso. Escolhendo os gestos, as qualidades, os comportamentos. Peguei a minha vida e coloquei dentro do bufão. O que passei na pele coloquei na pele do bufão. Tentaram tirar de mim esse território da universidade. Acharam que eu não tinha inteligência para saber o que estava acontecendo. Diziam que sim, mas na hora 'h' era não. Porque eu não sabia ler e escrever. Eu não tinha o perfil para ser uma pessoa formada na universidade. Começaram a me dizer não e com palavras bonitas tentavam fazer eu desistir dos meus sonhos. O que eu ouvia eram cala-bocas, eu vi meus colegas se formarem, enquanto eu ficava para trás. Então eu me senti massacrada, enrolada, fiquei proibida de muitas coisas.



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.

Eu quis fazer um bufão diferente, com um pênis monstruoso, sabe? O bufão, ele é uma coisa sexual, não é? Daí pode botar a mão no 'tico', ele quer, né, uma coisa assim. Não sei se tu entendeu?



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.

Eu gosto de interpretar o bufão, sabe? Fazer uma coisa diferente. E ir perguntando, olhando, e então fazer uma pessoa humana . As pessoas não têm essa liberdade de falar essas coisas, o que é que fazem, o que as massacram, do que não pode e é proibido de falar. E eu fico assim, indignada, pensando na minha mente, uma pessoa chegar e matar, roubar, chegar num ponto de roubar para comer, chegar a esse tipo de coisa, a pessoa chegar a roubar pra comer e ser presa por causa disso, sabe? E assim eu fico imaginando “bah”, é muito para minha cabeça, e entender, assim, essas crianças passando fome. Tu vai montar uma coisa e não dá, não dá para comprar um carro, comprar um apartamento, e pessoas aí, aqui, tem que falar português correto. Já sentiu o que é passar fome? sabe o que é sentir na pele? A que ponto o pobre chegou? Essas pessoas aí, pedindo coisas para comer, vendendo seu corpo para comprar comida, que na realidade, eu não vou dar a mínima, não vou dar. As pessoas reclamando que não tem uma roupa para usar, sei lá, não pode ter uma viagem lá pro exterior que não dá, não pode encostar em pessoas bonitas que tudo é taradismo, pessoas que foram, que foram afastadas das pessoas. É bom que inventaram a defesa do assédio contra a mulher, mas tem um porém, por que inventaram esse negócio do assédio, tem um porém, quem vai se dar bem, quem que vai se dar mal, quem que vai se dar bem, quem que

vai se dar mal, é os pobres, mas é que os pobres são tarados, vão inventar o que puder das pessoas pobres, e se inventasse a cadeira elétrica no Brasil, quem iria se queimar era os pobres, não ia ser os ricos, entendeu? Os ricos não iam ir na cadeira elétrica e iam morrer, iria ser os pobres.

Meu bufão é várias coisas. Aquele que me diz sim, aquele que me diz não. O bufão é necessário porque todos precisam exigir seus direitos. Eu usei a forma que Brecht falou da política para fazer as pessoas ficarem pensantes, escolherem certo. Brecht deu o contexto da história, o questionamento daquilo que os poderosos falam.



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.

Já o Ionesco me traz o exagero, o gesto, a fala, o riso, exagerados. Ele traz o absurdo, o espanto quando algo sai do comum, o exagero nas proporções. E de Artaud eu trago a sensação à flor da pele, o impacto da atuação, o impacto que chega no público trazendo ao mesmo tempo o cômico e trágico. Ele trouxe uma inovação ao teatro. Durante o processo também li o Grotesco de Victor Hugo. Todos eles me oferecem possibilidades de trabalho, diferentes formas de concretizar a ideia.

Olhando bem, pode parecer fácil, mas não é fácil. Um monólogo é muito difícil pois precisa trabalhar só você no palco e pensar cada passo, como montar a cena, como eu faria para que a plateia me entendesse. Como dominar o palco sozinha. Mas é muito difícil ser artista. Por mais que se ensaie, se tem muita demanda, pois é preciso pensar muito bem a fala e a ação para que o público entenda. Durante a montagem eu pensava no povo, e me preocupei em que ele se identificasse com aquilo que eu falasse, autorizando a quem visse ser o que é, aceitar o que se é.

Quem nunca fez um processo de arte e faz, percebe que o artista não é valorizado o equivalente a toda dedicação que precisa ter para criar um trabalho. O ator demonstra uma representação, não é um exibimento. Para o artista é necessário preparar o corpo, preparar bem a voz e o pensamento, atentar para a ligação entre as ações e cenas, e isso é difícil. O ator cansa, e após a apresentação é como se tivesse passado um dia inteiro trabalhando braçalmente.

Então a gente mostra nosso trabalho para o público, e é preciso levar a sério, repetir quando é necessário. É preciso saber o que falar, estudar as referências, montar um tipo de corpo e de voz, o que é muito trabalhoso.

Não foi fácil a interpretação. E é preciso ter consciência que o espetáculo é para o público ver e gostar. Criar as ideias, as dinâmicas. Interpretar é difícil e cansativo. No início improvisei a partir do texto 'Aquele que diz sim, Aquele que diz não', e então comecei a investigar a criação a partir das situações do texto e chegar no espetáculo. Não é fácil, pois precisa preparar o corpo e a energia, é preciso estar atento a todo momento

É importante que os novos artistas entendam que o processo é trabalhoso.

Ao mesmo tempo que eu preciso lembrar onde parei no processo, é preciso trabalhar junto com a orientação. Às vezes a tua voz não é tão alta, então precisa adaptar a voz ao espaço para que o ator seja bem ouvido, com nitidez.



Registro do processo . Daniel Plá, 2023



Registro do processo . Daniel Plá, 2023



Registro do processo . Daniel Plá, 2023

4.1.1 O ESPETÁCULO



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.

No momento do espetáculo eu possuía um roteiro muito breve do que precisava ser dito, então as palavras eram improvisadas, mas havia uma linha a seguir. Era preciso saber a ordem dos temas, mas outras coisas surgiram na apresentação. Muitas coisas foram criadas no momento do espetáculo: por exemplo, temos a fala do lobo com a chapeuzinho vermelho, a fala do pai banqueiro que ensina a enganar os pobres. A improvisação no espetáculo se dá para criar mecanismos de afetação do público e de facilitação da comunicação.

Para permitir a comunicação com o público a proximidade com o público foi fundamental, servindo também para facilitar a projeção vocal. Em meu entendimento eu consegui cumprir meus objetivos com o público ao realizar ações mais simples, diretas, que se relacionassem de um modo mais próximo da linguagem popular.

O trabalho de voz, a partir da exploração das vocalidades e da imitação de animais , apresentou-se como um ponto de interesse para mim. Da mesma forma, a interação com o público se mostrou essencial, pois me permitia adaptar a ação para produzir interesse na plateia. Da mesma forma, essa proximidade quebra com a aura do artista, flexibilizando as estruturas hierárquicas entre atuante e plateia.

Durante a apresentação pude me sentir confortável pois o espetáculo fazia sentido para mim, o que falava era importante, correspondendo ao que eu queria falar. Com isso, o assunto

sendo do meu interesse e partindo de uma realidade próxima a mim, foi fácil improvisar com a plateia.

Para o trabalho com o bufão é necessário amar essa figura, pois ele é criado a partir da própria pessoa, dos seus desejos. É preciso entender também se irás trazer uma abordagem mais clássica ou mais contemporânea. Na minha pesquisa a investigação a partir de fotos, de assistir vídeos absurdos, da sonoridade de animais e outros idiomas distantes do meu, foi fundamental para a construção. A repetição também é elemento fundamental. A partir da criação de células de ação e comportamento, repetir, registrar em fotos e vídeos para poder voltar ao que foi feito, e a cada vez aprimorar um pouco, criar mais alguma coisa.

É importante não desistir do seu sonho, não desistir diante das dificuldades, defender o seu território, sabendo que esse palco também é seu.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Registro do processo. Dartagnan Figueiredo, 2023

Olhando bem, pode parecer fácil, mas não é fácil. Um monólogo é muito difícil pois precisa trabalhar só você no palco e pensar cada passo, como montar a cena, como eu faria para que a plateia me entendesse. Como dominar o palco sozinha. Mas é muito difícil ser artista. Por mais que se ensaie, se tem muita demanda, pois é preciso pensar muito bem a fala e a ação para que o público entenda. Durante a montagem eu pensava no povo, e me preocupei em que ele se identificasse com aquilo que eu falasse, autorizando a quem visse ser o que é, aceitar o que se é.

Quem nunca fez um processo de arte e faz, percebe que o artista não é valorizado o equivalente a toda dedicação que precisa ter para criar um trabalho. O ator demonstra uma representação, não é um exibimento. Para o artista é necessário preparar o corpo, preparar bem a voz e o pensamento, atentar para a ligação entre as ações e cenas, e isso é difícil. O ator cansa, e após a apresentação é como se tivesse passado um dia inteiro trabalhando braçalmente.

Vejo que o processo exige sempre o aprofundamento e que preciso aprofundar mais meu estudo a respeito do grotesco. Entendo que preciso praticar mais para conseguir atingir meus objetivos com totalidade. É preciso fazer, experimentar, ir além da teoria e trazer para o corpo. Observar outros bufões, e a cada vez que apresenta, melhorar. Quando eu era mais jovem eu pensava que era fácil ser ator. Mas hoje vejo que o trabalho do ator é como qualquer outro. Exige tempo e dedicação. Especialmente a voz, é algo que sinto falta de trabalhar mais e aumentar meu fôlego.

Com relação ao grotesco, eu trabalhei com os contrastes entre feio e bonito, entre príncipes e princesas. O grotesco e o absurdo são fundamentais para trabalhar o bufão. trabalhar com o bufão é uma prática de liberdade. Ele é desde sua origem o defensor do povo e um questionador da alta hierarquia social. Ele defende o povo do massacre, denunciando para não ser morto pelo rei. Ele abria a mente das pessoas, mostrando os enganos a que eram submetidos por não poderem questionar o rei. Ele denuncia os massacres a que a classe menos favorecida é submetida. E para isso ele fala a língua da população e traz a lei, os direitos humanos, convidando as pessoas a questionar. O povo continua massacrado desde a abolição, a escravidão continua mas com roupa diferente, os ricos ficando mais ricos e os pobres, mais pobres. Então a Princesa Isabel não aboliu a escravidão de fato, as leis servindo somente aos poderosos.

Eu realizei meu sonho de ser artista, de me formar, de ser alguém na vida..

O processo é difícil e longo, mas não desista de seu sonho!

É preciso acreditar em si e depois no outro.

Realize seu sonho. Não desista de seus sonhos.

Resistência. É preciso ser guerreiro.

Guerrear! Esse território e esse sonho são meus.



Fotografia do espetáculo. Dartagnan Figueiredo, 2023.

REFERÊNCIAS

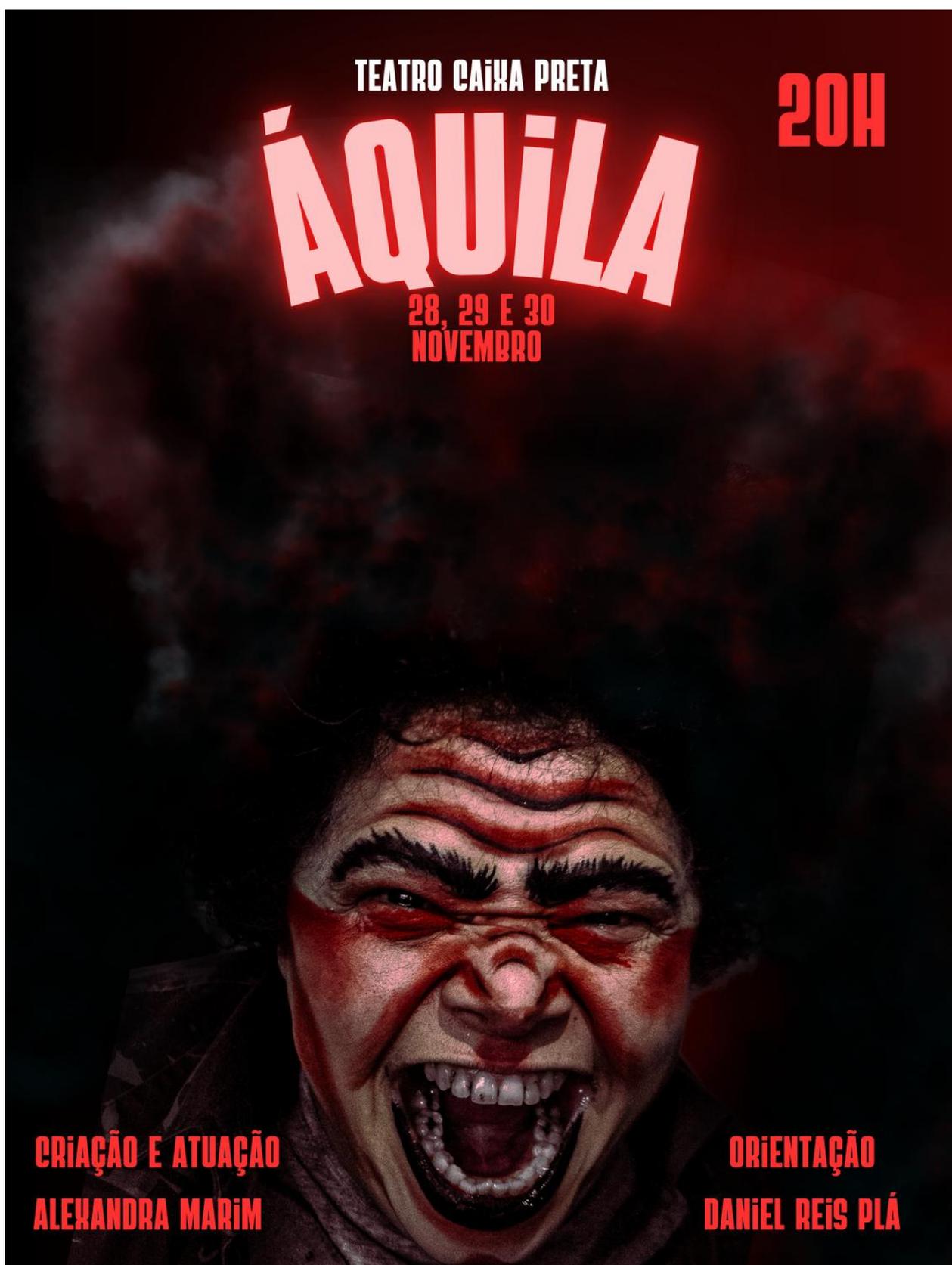
SOERENSEN, C.A. Carnavalização e o Riso segundo Mikhail Bakhtin.. **Travessias**, Cascavel, v. 5, n. 1, p. e4370, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SENA, J. B.; OLIVEIRA, N. D. G. L. de. (Trans)formações do Palhaço: Breve história dos tipos clássicos da palhaçaria. Urdimento: **Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1-22, 2021. DOI: 10.5965/1414573102412021e0206. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19977>. Acesso em: 7 jul. 2023.

BRONDANI, J. A. O BUFÃO: A COMÉDIA, A CENA E O JOGO. **Arte da Cena** (ArtonStage), Goiânia, v. 3, n. 2, p. 041–058, 2017. DOI: 10.5216/ac.v3i2.49813. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/49813>. Acesso em: 12 jul. 2023.

GUERRA, M. B. Convergências entre o sublime e o grotesco na arte romântica. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 10, n. 21, p. 171-198, 2018. DOI: 10.5965/2175234610212018171. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/10457>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ANEXO A – CARTAZES DO ESPETÁCULO



ÁQUILA O ADVOGADO DO POVO

Criação e Interpretação:
Alexandra Marim

Orientação:
Daniel Plá

28, 29 e 30 de Novembro

CLASSIFICAÇÃO
18 anos
Entrada Franca

TEATRO
CAIXA PRETA
ÀS 20H

Apoios:



Artes Cênicas
UFSM

EMAET CAED